

Porto Velho, 28 de Setembro de 2003, Domingo.

Oi,

Sabe aquelas músicas que permanecem grudadas no nosso ouvido, tocando "lá dentro", mesmo quando a gente não deseja? Pois é, eu estava com uma dessas músicas na cabeça, tocando sem parar... Felizmente não era dessas músicas chatas que somos obrigados a ouvir por aí. Era uma música legal, de um disco que nós costumamos ouvir em casa com as crianças. Um trecho da música é assim: "Vamos até lá / à casa de Dodó / Triste ela está / Porque vive só / Quem não sente dó / da tristeza de Dodó?"

Pois é. E me deu vontade de contar a história de Dona Dodó, que na verdade, não vive assim tão só, como você verá!

A Casa de Dona Dodó - I



João e Laura passavam em frente da casa de Dona Dodó quase todos os dias. E ela estava sempre lá, na varanda da casa, de frente para a rua, como a olhar o movimento, mas com os olhos meio perdidos. Os meninos ficavam a se perguntar: "por onde anda os olhos de Dona Dodó?" E por vezes João cumprimentava-a apenas para despertá-la dos seus devaneios. E depois comentava com a Laura: "Parece que ela vive no mundo da lua. Também, coitada, vivendo sozinha neste casarão, não podia ser diferente..."

Bem, a verdade é que João e Laura, que moravam ali por perto, não nasceram por aqui; vieram do sul; e conheciam Dona Dodó apenas por "ouvir falar" e naturalmente por vê-la todos os dias na sua cadeira de balanço. E desconheciam que a velhinha sonhadora tinha sido criança, moça e que até trabalhara fora, no escritório da Estrada de Ferro.

Num desses dias, Laura decidiu conhecer melhor D. Dodó. Como fosse muito tímida, a menina pôs-se a planejar em detalhes como conversaria com ela; o que diria, se levaria ou não um presente; no caso de levar, o que seria melhor: uma das tantas violetas da mãe? ou um pedaço de bolo?

Naquela noite Laura não dormiu direito, pensando, pensando e imaginando coisas sobre "o que teria afinal dentro daquele casarão?"...
Tchau!!

Porto Velho, 29 de Setembro de 2003, Segunda.

Oi,

Escrevi ontem uma palavra um tanto diferente e talvez até esquisita para alguns. Eu gostaria de saber se você sabe do que se trata. A palavra é devaneio. Eu fui buscar os seus significados no dicionário. Quer ver?

Sonho; fantasia; capricho da imaginação.

Despertar alguém dos seus devaneios deveria ser proibido, pois afinal sonhar, imaginar é uma das boas coisas da vida. Ou não é?

A Casa de Dona Dodó - II

Laura decidiu levar de presente para Dona Dodó um vaso pequeno, com uma das mais belas violetas que sua mãe cuidava. A flor já estava aberta.

João, como não gostava (nem desgostava) das flores, decidiu ele, sim, levar o pedaço de bolo.

A mãe das crianças achou aquilo tudo engraçado e deixou os filhos à vontade. E pensou consigo mesma: “quero ver como eles tratarão os próprios avós quando eles vierem para cá nas férias...”

E lá foram Laura e João, nesta ordem, com a menina na frente, a passos largos, sob os protestos do irmão que não conseguia acompanhá-la nos seus “passos de gigante”.

Próximo do destino, eles pararam e ensaiaram o que cada um iria dizer. E foram chegando devagarinho, subiram os dois lances da escada da varanda e se viram diante dela. Surpresa, Dona Dodó os recebeu com um grande sorriso.

- É para a senhora disse Laura, meio sem jeito.

João, ainda encabulado, estendeu o bolo sem dizer palavra alguma.

Foi Dona Dodó quem os livrou do silêncio que lhes fechou a boca. Danou a lhes fazer perguntas:

- Ah, então são vocês quem passam por aqui todos os dias, não é?

E eles responderam que sim. Ela, então, lembrou-lhes de todos os dias em que eles faltaram às aulas, graças à sua boa memória, dizendo: “lembram daquele dia assim, quando começou chover e relampejar? E daquele outro?...”

Tchau!!

Porto Velho, 30 de setembro de 2003, terça-feira.

Oi,

A violeta é uma flor. Pequeninha. Ou miudinha, como dizem alguns. E nós fomos buscá-la no outro lado do Oceano Atlântico, na África. Seu nome científico, dado por um botânico (o cientista das plantas), é muito esquisito: *Saintpaulia ionantha Wendl.* É até difícil de pronunciar...

Felizmente ninguém precisa saber o nome científico das flores para cultivá-las e apreciá-las. Já imaginou? A sua mãe no jardim apresentando as flores da *Rhododendron thomsonii* para sua tia, aquela que adora *Wistaria chinensis*? Pois é! Aliás, a flor da sua mãe é a azaléia; a da tia é a glícínia.

A Casa de Dona Dodó - III

E não é que a memória de D. Dodó ia muito longe? Tão longe e com tantos detalhes, que Laura logo perguntou qual era a fórmula:

- A senhora fez algum curso para ter uma boa memória assim?

D. Dodó riu da pergunta e também indagou:

- E onde é que andam ensinando a ter boa memória?

- Eu vi na tevê a propaganda de um curso que ensinava a memorizar não sei quantas palavras em um minuto...

Para não deixar que as duas se perdessem no emaranhado de lembranças e memórias, João cutucou a irmã, dizendo:

- Laura, eu acho que nós estamos atrasados para a aula. Vamos?!

A menina fez que nem ouviu. Resmungou qualquer coisa e continuou a conversa:

- Então a senhora lembra daquele meu vestidinho rosa?

- E também daquele tênis que o teu irmão usou durante um ano, cinco meses e três dias, sem tirar do pé. Eu me lembro da data, pois era aniversário de Tio Salu. Depois até comentei com ele e com meus pais sobre o caso. Eles riram muito quando eu disse que "o menino trocou de tênis, para alegria de sua mãe..."

João fechou a cara. Também falar assim do seu velho e amado tênis, presente do seu avô, já era demais...

Tchau!

Porto Velho, 1º de outubro de 2003, quarta-feira.

Oi,

Utilizei ontem um verbo pouco usado hoje. É o verbo *indagar*. Hoje, quase ninguém mais *indaga*, só pergunta. Os dois têm significado semelhante. Para *perguntar*, nós podemos ainda usar outros verbos como: *inquirir*, *investigar*, *interpelar*, *questionar*. Bacana ou chato?

Um dia desses ao pronunciar uma palavra dessas *não tão conhecidas*, minha filha reclamou: “por que você usa estas palavras difíceis, se existem outras mais fáceis de entender”? E agora, *indago* eu o que se pode responder para ela?

A Casa de Dona Dodó - IV

Depois de se despedirem, Laura e João seguiram para a escola. Ela, pensativa. Ele, resmungando. Ela cismava, falando com os próprios botões: “Pai, mãe, tio Salu? onde eles moram? Na mesma casa? Mas como, se nós nunca vemos ninguém por lá?!”

João somente saiu do seu estado de rabugice quando a irmã o interpelou:

- Você viu que memória, João? Você sabia que ela pode entrar para o livro dos recordes? A mulher que decora o nome de *todo mundo na cidade!!!*. Já imaginou?

- Eu não imaginei, nem quero saber de nada disso...

- É, eu percebi que você ficou chateado quando ela comentou sobre o seu tênis. Mas também! quem mande você ser relaxado?

João não fez outra coisa senão reclamar da visita feita à D. Dodó. Laura não se preocupou com o irmão, pois, como vivia dizendo, “conhecia *muito bem* as suas esquisitices”.

Na volta, a menina propôs ao irmão que tomassem outro caminho, que fossem por outra rua, já que teriam que passar em frente à casa de D. Dodó. E como ele estava chateado com ela...

- Nada disso!, respondeu João. - Eu tenho umas perguntas a fazer para ela.

Laura não estranhou a resposta (ela e a mãe costumavam brincar com o irmão e o pai dizendo que os homens são muito previsíveis...). E emendou:

- Eu também. Há muitos segredos a serem desvendados naquela misteriosa casa... Tchau!!

Porto Velho, 2 de outubro de 2003, quinta-feira.

Oi,

Você sabe guardar segredos? A sete chaves? De um jeito que nunca ninguém vai descobrir ou arrancar de você? Nem a sua própria mãe, dizendo assim: “vai, filho(a), conta só para a sua mãe!!”?

Até que seria interessante criarmos uma história sobre isto, algo como *O Guardador de Segredos*. Que tal saber os segredos de todas as pessoas com quem convivemos? Como apenas imaginei inventar esta história, que nem imagino como seria, eu desconfio que isso pode ser muito perigoso...

A Casa de Dona Dodó - V

Não demoraram quase nada a chegar à casa de D. Dodó, afinal, a escola ficava a apenas três quadras de distância. E lá estava ela na sua cadeira de balanço, desta vez, com um caderno na mão, rabiscando alguma coisa.

João, também chamado pela vigilante irmã de *entrão*, nem pediu licença. Subiu os dois lances de escada e se colocou diante da *senhora da boa memória*. Calmamente, D. Dodó fechou o caderno, levantou-se e para surpresa do João o abraçou afetuosa, dizendo:

- Estava te esperando. Sei que você está chateado comigo. Por isso, decidi te dar um presente.

E mostrou para João o desenho que estava quase pronto: um menino com um super, hiper, ultra tênis; um tênis gigante, maior que ele... “Só falta colorir!”, concluiu.

João pensou consigo mesmo: “Ela não esqueceu nenhum detalhe. Deve ter visto muitos tênis passeando pela calçada...”

Laura cutucou o irmão, como a dizer: “Está vendo? Eu não disse que ela é legal?”

João desconsiderou o cutucão e o olhar da irmã. E tratou logo de perguntar:

- É pra mim mesmo?

- E para quem mais seria? indagou D. Dodó, que de imediato os convidou a entrar e comer um pouco de doce de coco. “Nada que estrague o apetite e o almoço de vocês”, emendou ela.

Tchau!!

Porto Velho, 3 de outubro de 2003, Sexta-feira

Oi,

Como abandonei a idéia de escrever sobre segredos e outras coisas secretas, fui convidado a tratar de um outro tema; este menos perigoso: *Curiosas palavras soltas ao vento, colhidas por acaso nesses dias em que andamos à toa pelas ruas.*

O começo da história seria mais ou menos assim: "O avô levava o neto, homem já feito, para andar à toa. O sábio velhinho sabia o que fazia. Uma vez por semana tirava o neto das suas ocupações de homem de negócios *sempre tão ocupado*, e o arrastava pelas ruas e becos do centro da cidade. Levava-o para ouvir conversa de amigos seus, desses que sabem o valor das palavras que se trocam; palavras amigas, que nos enchem as tardes da mais permanente alegria. Naquele dia, ele anotaria na sua *agenda cheia de compromissos* umas palavras colhidas ao vento, próximo ao rio Madeira: "estas águas vieram de muito longe e prosseguirão por caminhos tortuosos até atingir o mar..."

A Casa de Dona Dodó - VI

Os irmãos adentraram a *misteriosa* casa. A sala imensa, bem iluminada pela luz que vinha das janelas laterais, assombrou-os. Lá estavam o piano, a cristaleira, sofás, mesas e quadros, sem contar os trilhos da estrada de ferro que foram assentados em uma das paredes. E foi isto o que mais chamou a atenção de João. D. Dodó explicou:

- Meu pai era maquinista. Do tempo em que íamos de trem para Guajará Mirim, lá na fronteira com a Bolívia, como vocês já sabem...

- Ah!! foi o que o menino conseguiu dizer. E ficou a lembrar de tudo o que seu professor de história havia contado em sala de aula sobre a *Ferrovias do Diabo*. Laura, com os olhos na cristaleira, pensava no quanto valiam todas aquelas louças (esta mania de cálculo ela aprendera com a mãe, mulher que sabia *dar valor* a cada coisa que tinha...).

- Desculpe-me, D. Dodó, mas eu acho que estas louças devem valer muito dinheiro.

- E você não tem idéia do quanto, minha filha...

Tchau!!

Porto Velho, 4 de outubro de 2003, Sábado

Oi,

As Curiosas palavras soltas ao vento, colhidas por acaso nesses dias em que andamos à toa pelas ruas me fizeram pensar em um bom exercício, que todos podemos fazer. Que tal lembrarmos das palavras ou frases curiosas e engraçadas que ouvimos por aí? A partir delas é possível escrever histórias interessantes. Que tal?

Lembrei-me agora de uma dessas frases: “Cachorro mordido de cobra tem medo de lingüiça”. Agora é a sua vez...

A Casa de Dona Dodó - VII

Ao falar sobre as louças, os olhos de D. Dodó buscaram um tempo já perdido, passado, longuíquo... Ela pareceu mesmo se perder por alguns instantes, por esse túnel do tempo. Desculpou-se:

- Perdão, estas louças me levaram para tão longe, que eu os deixei aqui...

- Não tem problema disse João a senhora pode levar a gente junto!

Laura não se conteve e pisou o pé do irmão, com a sua mania de tentar controlá-lo em suas *gracinhas e gaiatices*.

D. Dodó achou graça da proposta. Suspirou, pensou, e decidiu, por fim, levá-los juntos na volta ao passado.

“Eu morria de medo d’água quando era criança. Logo eu que morava tão perto do rio... Meu pai, quando soube, muito tempo depois, fez um plano para me ajudar a vencer este medo.

Sempre que podia, ele me levava para a beira do Madeira. Lá ficávamos brincando, no final da tarde, até vermos o pôr do sol. Brincávamos de jogar pedra na água, fazendo-as dar saltos. Disputávamos para ver quem conseguia saltar mais vezes.

Perdi o medo definitivamente quando fizemos uma grande viagem de barco para Itacoatiara e Manaus, no Amazonas. Nunca mais me esqueci das tantas águas que vi. Rio Madeira, rio Amazonas, rio Solimões, rio Negro.”

Para se fazer melhor compreendida, D. Dodó levou os meninos até um canto da sala, onde um grande mapa, de parte da região norte os permitiria “ver com os olhos” o traçado da viagem.

Tchau!

Porto Velho, 5 de outubro de 2003, Domingo.

Oi,

Olhe o mapa que eu encontrei. Deve ser semelhante ao de D. Dodó. Observe os rios Madeira, Solimões e Negro. Localize depois Porto Velho, Manaus e Itacoatiara. Viu?



A Casa de Dona Dodó - VIII

Diante do mapa, Laura não se conteve e logo perguntou:

- Sim, D. Dodó, e as louças, vocês foram buscar em Itaco? Como é que se pronuncia mesmo?

- I-ta-co-a-ti-a-ra, que, em tupi-guarani, quer dizer “pedra riscada”. Pois bem, as louças vieram mesmo de lá. E o medo das águas eu perdi nessa viagem, que durou quase um mês. Um bom mês de férias, em janeiro, com o rio cheio e as águas se perdendo além das margens, numa vista quase sem fim...

João, que não perdia sequer uma palavra de D. Dodó, arregalou os olhos ao ouvir suas últimas palavras:

- Essas águas sem fim me assustam... Devem ser muito perigosas!

Laura interveio explicando a causa do medo de água do João: quase morreu afogado em um igarapé. E, para que a conversa não tomasse o rumo das tantas águas, voltou ao assunto das louças...

Tchau!!

Porto Velho, 6 de outubro de 2003, Segunda-feira.

Oi,

Preciso confessar que *essas tantas águas*, que os nossos olhos não alcançam o seu fim, por mais que se olhe em busca de terra firme, também me assustam. Ou melhor, me fascinam, me atraem. Medo mesmo eu não tenho. Por isso, vivo planejando um dia fazer uma viagem de barco a Manaus, que dura três dias (rio abaixo, pois o nosso rio Madeira deságua no rio Amazonas, como todos sabem). Se eu fizer a tal viagem, prometo contar como foi.

A Casa de Dona Dodó - IX

- Voltando às louças... insistiu Laura.

- Pois bem, voltando às louças, foi lá em Itacoatiara que desembarcamos depois de mais ou menos 4 dias de viagem. Nunca comi tanto peixe quanto naquela viagem. Pescávamos de dentro do barco mesmo (um barco enorme, viu!?). Meu pai lançava a linha e me dava para segurar. Mal dava tempo de segurar e lá vinha o puxão. Aí era só recolher. Alguns peixes eram tão enormes que eu nem tinha força para segurar a linha.

D. Dodó, ao pressentir que a história iria muito longe, tanto quanto as águas nas cheias do rio, decidiu oferecer logo o doce de coco aos irmãos.

Como percebeu que havia perdido a noção do tempo, Laura se lembrou de que estava indo para casa; que decidira fazer apenas uma pequena visita; que já passava da hora do almoço; que teriam problemas se não fossem embora imediatamente.

- Desculpe, D. Dodó, eu quero muito saber o resto da história, mas já são mais de meio dia. A mãe deve estar preocupada com a gente...

E se preparam para ir embora. Combinaram, então, de retomarem no dia seguinte, "no mesmo ponto", a história das louças (para Laura) e dos peixes e águas (para João). Mas não saíram sem comer um pouco do doce de coco *feito por ela mesma*. Tudo produzido ali mesmo: "tio Salu me tira os cocos do pé; depois, me ajuda a ralar; o resto é segredo e não posso revelar ainda..."

Laura achou graça dos segredos de como fazer doce de coco. João não pensava senão em peixe, água e no dia seguinte. Tchau!

Porto Velho, 7 de outubro de 2003, Terça-feira.

Oi,

Eu nem sei em que pensar: se no doce de coco e seus segredos ou nas águas e peixes. Talvez pensasse mesmo e tão somente no dia seguinte. E esse dia como demora a chegar! Se pudéssemos, nós adiantaríamos o relógio e saltaríamos exatamente para ele, na casa de D. Dodó, próximo ao meio dia, para ouvir mais histórias...

A Casa de Dona Dodó - X

Na escola, no dia seguinte (que demorou a chegar!), os irmãos contaram tudo sobre a já não mais *misteriosa casa*.

Os colegas se dividiram.

Para alguns eles mentiam, pois não acreditavam que a *velhinha* pudesse ter uma tão boa memória a ponto de conhecer quase todas as crianças do bairro.

Para outros, eles exageravam, para *aparecerem*, para mostrar que são importantes só por *terem entrado na casa da velhinha* (grande coisa!).

Uns poucos, no entanto, desejaram ir juntos. E o problema foi como combinar quem *poderia ir*. Ficou acertado, então, que apenas um a mais iria com eles. O escolhido, por sorteio, entre os dez candidatos, foi o Felipe.

E D. Dodó lá estava à espera deles. Desta vez, permaneceram na varanda mesmo, pois *corria um ventinho bom*.

“Como eu contava ontem, pescamos muitos peixes. O maior deles era do meu tamanho daquele tempo, menina de uns 8 anos. Cinco homens para tirá-lo da água. O nome do peixe, se não me falha a memória, parecia ser pirarucu.

Pois bem. E a viagem prosseguiu. De manhã ficávamos balançando na rede, onde aliás nós dormíamos olhando as estrelas. Felizmente, nessa viagem não choveu uma noite sequer!

Eu e umas outras crianças, para ocupar o tempo, nos envolvíamos com muitas brincadeiras: cabra cega, esconde-esconde, passa anel, siga o chefe...

Até que chegamos em Itacoatiara, onde meu pai tinha uma reunião de negócios com um certo senhor Drummond, um escocês ruivo e cheiroso. Tchau!!

Porto Velho, 8 de outubro de 2003, Quarta-feira.

Oi,

Ouvindo as histórias de D. Dodó vieram-me à lembrança as muitas brincadeiras do meu tempo de criança. O engraçado é que nós quase sempre achamos que *a nossa infância sim é que foi boa*, pois *as nossas brincadeiras eram as mais interessantes*, não como estas de hoje, em que as crianças ficam grudadas na frente da televisão ou do computador jogando... Será que as crianças de hoje, adultas no futuro, também pensarão que: *antigamente sim é que era bom...?!*

A Casa de Dona Dodó - XI

Depois de chegarem a Itacoatiara, houve uma pausa para o doce. E, de novo, D. Dodó tratou de esclarecer que *não era caso de estragar o apetite ou acabar com a fome*. O doce não era de coco, mas de manga; segundo ela, *receita de uma amiga mineira*.

E a história continuou:

“O senhor Thomas, a quem chamavam apenas de Drummond, vivia naquela cidade há muitos anos. E desejava fazer negócios com meu pai. Ele comprava e revendia siringa e castanha. Meu pai era maquinista e também negociante, daqueles que nasceram para *comprar e vender*, nem que fosse para *trocar seis por meia dúzia*, sem ter lucro... Ele dizia: 'o importante é atender os amigos!'

Bem, os negócios de meu pai eu não acompanhei, pois nós, as crianças, junto com os outros adultos, ficamos hospedados na casa de um barbadiano amigo de meu pai, à beira do rio Amazonas.”

João não se conteve e perguntou curioso:

- Barbadiano? Eu já ouvi falar de barbeiro, de homem barbado, mas de barbadiano, nunca!...

Todos riram, menos Laura, que achou que o irmão passara *de novo* dos limites:

- João, não brinque com coisa séria! Além de não conhecer a história de Rondônia, você fica fazendo gracinha fora de hora!!

D. Dodó, conciliadora, acalmou a todos e prometeu explicar tudo *direitinho*. E correu a buscar um outro mapa para explicar aos meninos a origem da sua própria família, os Thompson.

Tchau!!

Porto Velho, 9 de outubro de 2003, Quinta-feira.

Oi,

Esta história está me parecendo mais um labirinto!! Até eu já estou me sentindo perdido. D. Dodó ao invés de falar logo das louças e de como perdeu o medo d'água, parece que fica fazendo rodeios. E eu desconfio, além disso, que ela usa os seus doces para prender a atenção dos meninos. Eles já comeram doce de coco, de manga e o próximo, qual será? Mamão? Goiaba? Leite?

Além disso, um detalhe está me intrigando: e os seus pais, e o tio Salu, que ainda não foram apresentados?

Uma grande surpresa para mim, por fim, foi descobrir que ela é também uma descendente de barbadianos. Isso nem eu mesmo esperava!! Como as histórias é que mandam nos escritores, tudo podemos esperar...

Mas onde fica Barbados mesmo? O mapa que foi mostrado aos meninos pode nos orientar:

A Casa de Dona Dodó - XII

O mapa de Barbados foi colocado sobre a grande mesa de mogno. Os meninos, inquietos, queriam todos examiná-lo ao mesmo tempo. Desta vez, foi a própria Dodó quem exigiu ordem:

- Meninos, por favor!! O mapa não vai fugir!!

- Pois bem continuou ela olhem aqui. Esta região toda está banhada pelo Mar do Caribe. Aqui temos as Pequenas Antilhas. E Barbados é esta última ilha à direita. Se descermos o dedo pelo mapa encontraremos na mesma direção a fronteira entre a Venezuela e a Guiana, na América do Sul. Se escorregarmos o dedo um pouco mais à direita chegaremos à costa do Brasil, ao Amapá, à Ilha de Marajó e à foz do rio Amazonas. Estão vendo?

Viram. E alguns ficaram de boca aberta, a pensar. Tchau!!



Porto Velho, 10 de outubro de 2003, Sexta-feira.

Oi,

D. Dodó perdeu-se com os meninos lá pelas Antilhas. Só me falta agora ela parar na Ilha de Marajó e permanecer por lá a comentar sobre os búfalos que existem aos bandos pela ilha...

Estou aprendendo muito junto com os meninos, preciso confessar. Há muito tempo que eu não olhava o mapa da região do Caribe com a atenção que ela merece.

Descobri que minhas irmãs, quando viajaram há muitos anos, para Aruba, Curaçao e Isla de Margarita, não foram muito longe... Depois de localizar as ilhas, foi fácil perceber isso.

Quando elas viajaram, Deus meu!, a impressão que deu é que elas tinham ido ao fim do mundo. E o mundo é tão pequeno, principalmente se visto no mapa...

A Casa de Dona Dodó - XIII

D. Dodó não deixou os meninos muito tempo perdidos, em meio às águas quentes e verdes do Mar do Caribe. Trouxe-os à terra firme, oferecendo, adivinhem o quê!? Doce. Mais doce. Agora de goiaba, em compota. E de novo a recomendação de que não comessem demais *para não estragar o almoço...*

Prometeu-lhes no dia seguinte continuar a história. Desta vez o tempo voou. E não demorou muito para estarem todos lá novamente.

- Onde é que nós paramos mesmo?, perguntou D. Dodó, como a testar a memória deles. “Na casa do barbadiano, amigo do seu pai, em Itacoatiara, no Amazonas”, foi o que disse o João.

- Que memória, hein João! acrescentou ela, retomando o fio da meada:

- Na casa do senhor Spencer passamos dias inesquecíveis. Lá eu pude aperfeiçoar o meu inglês...

- Espere aí, D. Dodó, a senhora fala inglês de verdade?, interrompeu Felipe.

- Desde criancinha. Leio, falo e escrevo, como praticamente todos os descendentes de barbadianos.

- E onde a senhora aprendeu tudo isso? perguntou Laura.

- Em uma escola muito especial, no *Barbadian Town*, não muito longe daqui...

Tchau!!

Porto Velho, 11 de outubro de 2003, Sábado.

Oi,

Bem, na Ilha de Marajó D. Dodó não parou. Mas agora, com esta interrupção, a história pode sair de novo do rumo!! Justamente agora quando eu pensava que tudo iria correr nos trilhos... O que se pode esperar de três crianças curiosas, senão perguntas e mais perguntas?! Isto é bom, não é?

Aliás, aqui vai uma boa pergunta para você e sua boa curiosidade: "o que é mesmo doce em compota?"

A Casa de Dona Dodó - XIV

A descendente de barbadianos, que lia, escrevia, falava e pensava também em inglês, senhora Dorothy Evelyn Thompson, continuou a história. Desculpem-me se eu não tinha apresentado o verdadeiro nome de D. Dodó antes. O caso é que eu também não sabia... Fica então apresentada!

- *Barbadian Town??* perguntaram todos ao mesmo tempo.

- Este era o nome do local onde moraram meus pais e avós, quando chegaram em Porto Velho, por volta de 1908. *Barbadian Town* em português significa *cidade dos barbadianos*.

- E onde exatamente ficava esta cidade? perguntou João, ansioso.

- Próximo ao rio Madeira, nas imediações do bairro Triângulo. Ficava num morro e por este e outros motivos os brasileiros apelidaram nossa cidade de *Alto do Bode*.

- Caramba, que nome esquisito!! foi a expressão de Felipe. E era um bairro inteiro de negros?

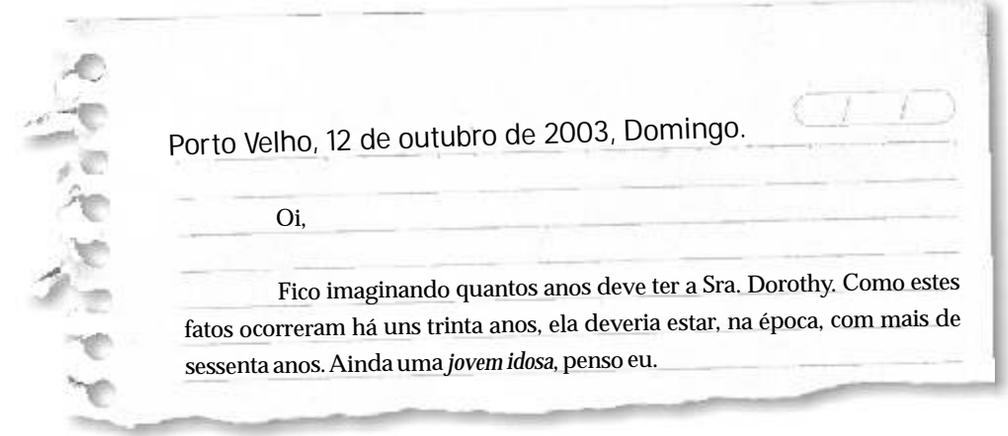
- Sim, de negros. Como ainda hoje em Barbados, onde existem, se muito, uns 10% de brancos.

- E vocês não eram discriminados? desejou saber Laura.

- Éramos sim. E ainda mais porque a primeira escola de Porto Velho foi a nossa. E porque falávamos inglês. E talvez porque os barbadianos andassem muito bem vestidos, de terno, de chapéu... Um dia mostro a vocês algumas fotos dos meus avós e tios. Meus pais vocês irão conhecer em breve!

Como o tempo estava esgotado, já passando do meio dia, todos foram para casa. E mais uma vez, o desfecho da história ficaria para o dia seguinte...

Tchau!!



Porto Velho, 12 de outubro de 2003, Domingo.

Oi,

Fico imaginando quantos anos deve ter a Sra. Dorothy. Como estes fatos ocorreram há uns trinta anos, ela deveria estar, na época, com mais de sessenta anos. Ainda uma *jovem idosa*, penso eu.

A Casa de Dona Dodó - XV

No dia seguinte, que era um sábado, D. Dodó não esperava nenhum menino por lá. Depois de terminar os afazeres de casa limpar, fazer almoço e cuidar dos pais, a nossa *jovem idosa* voltou à varanda para ver o *movimento*. E lá estava ela em sua cadeira de balanço, cumprimentando um e outro conhecido, quando sentiu saudade das crianças. Lembrou-se que não tinham combinado nada e que, por conta disso, ficaria dois dias sem vê-los...

Porém, não demorou muito e eis que os meninos aparecem na esquina da rua. Não vinham apenas os três, mas quatro. Dois pares. A irmã do Felipe era a nova integrante do grupo.

D. Dodó os recebeu na escada, convidou-os a entrar e os deixou na sala enquanto foi buscar um suco para “matarem a sede”. Laura comentou:

- Mas D. Dodó, nós não andamos nem sete quadras; nem suamos...

- O calor está muito intenso, minha filha. E isso desidrata, pode fazer mal...

Laura cochichou no ouvido da Roberta: “Ela é assim mesmo, toda preocupada com a gente; depois você vai ver: ela nos servirá doce...”

- Meninos disse D. Dodó já voltando com o suco de cajá hoje nós temos doce de banana. Uma especialidade de minha mãe.

E após a sessão culinária, quando falaram de sucos, bolos, doces e tortas, João e Felipe lembraram que existia uma história inacabada esperando ser contada...

- Ah, não! Hoje vocês irão conhecer meus pais e o tio Salu. Venham!

E após atravessarem a porta, passando por um corredor, deram na cozinha. E, das janelas da cozinha, avistaram um quintal tão imenso que mais parecia uma chácara... Tchau!!

Porto Velho, 13 de outubro de 2003, Segunda-feira.

Oi,

Eu disse que o quintal da casa da família Thompson mais parecia uma chácara. E pensei: “acho que exagerei nas medidas!” Mas não. O Aurélio, a quem fui consultar, tirou todas as dúvidas. Lá está:

1. Pequena propriedade campestre, em geral perto da cidade, com casa de habitação.
2. Terreno urbano de grandes dimensões, com casa de moradia, jardim, horta, pomar, etc.

A casa de D. Dodó corresponde ao item 2. Resta saber se lá existe tudo isto: jardim, horta, pomar...

A Casa de Dona Dodó - XVI

Os cabelos brancos dos pais de Dorothy, sr. William e sra. Elisabeth chamaram de imediato a atenção das crianças. Não era para menos “cabelos de neve”, conforme logo resumiu a Roberta.

D. Elisabeth convidou-os a sentar-se. Precisava dizer-lhes umas palavras:

- Meus filhos, Dodó tem-me contado suas aventuras ao lado de vocês. As suas viagens no tempo, com as tantas histórias que ela tem para contar. Fosse eu mais jovem e todos nós juntos iríamos refazer a viagem à Itacoatiara e Manaus. Aqueles foram os meus melhores dias nesta vida...

Roberta, que ouvira a história de *segunda mão*, recontada pela Laura, não se conteve: “E a senhora vai nos dizer como foi esta viagem, não é?”

- Um pedaço da minha versão, sim. Dodó tem contado a versão dela, de menina de oito anos. E contou:

“Não sei se ela já narrou o episódio em que perdeu o medo d’água...”

“Bem, nós estávamos subindo de barco em direção à Manaus e fomos nos aproximando do encontro das águas. Dodó, vá buscar aquele mapa, para mostrarmos a eles!

“Estão vendo aqui? O rio Solimões que vem da Cordilheira dos Andes, no Peru, encontra-se com o Rio Negro, que nasce na Colômbia e que atravessa a cidade de Manaus, com suas praias de areia branca e águas escuras, mas transparentes. Do encontro destas águas tem-se o rio Amazonas.” Tchau!!

Porto Velho, 14 de outubro de 2003, Terça-feira.

Oi,

É preciso esclarecer que o barco no qual eles estão navegando em direção a Manaus é um barco *recreio*, que costuma ter de dois a três andares, uns 30 metros de comprimento e no convés um espaço para armar as redes. Sem contar que nele se transporta tudo: animais, coisas e gente.



A Casa de Dona Dodó - XVII

“Descemos do barco recreio, imenso, para uma embarcação menor para vermos de perto *as águas que não se misturam por mais de 6 quilômetros...*

“O sr. Drummond, que fora conosco na viagem segurou-a pelos braços, balançou, balançou, e perguntou:

- Você quer ver de perto as duas águas? E ela, sabe-se lá o porquê, não pensou duas vezes:

- Quero, quero!

“E ele, o nosso amigo escocês, inocente, a jogou n’água de roupa e tudo, rindo-se da brincadeira...”

“Ela nem chegou a afundar pois as mãos vigorosas do seu pai a seguraram pelos braços. No entanto, não a puxou pra fora.

Ela não quis saber de nada. Começou a gritar por socorro:

- Me tira daqui, me tira daqui, eu vou morrer!!

“O pai a deixou dentro d’água e foi acalmando, acalmando, até que ela sossegou...”

“Enfim, ela sobreviveu! O pai a arrastou pelos *dois rios*, brincando de *água barrenta, água escura*, até que, mesmo sem saber nadar ainda, acabou por perder o medo d’água.”

D. Elisabeth deu uma pausa e prometeu contar outros episódios depois de comerem *o seu doce*. Tchau!!

Porto Velho, 15 de outubro de 2003, Quinta-feira.

Oi,

Visto de cima, o encontro das águas é fascinante, como vocês podem observar. Dentro d'água, então hein!? Quem se arrisca? Eu não, que tenho medo. Não exatamente da água (mesmo que seja fria), mas dos perigos que os rios às vezes escondem, como arraias, candirus, poraquê...



A Casa de Dona Dodó - XVIII

Depois de comerem o doce de banana de D. Elisabeth, Laura, desta vez impaciente, retomou a conversa:

- D. Dodó prometeu-nos apresentar o tio Salu, que nós ainda não conhecemos...

Desta vez, quem se manifestou foi o pai de D. Dodó, sr. William, o maquinista de mãos vigorosas. Ele, até então, acompanhou todas as conversas com o seu sorriso tranqüilo de bom avô que era...

- Salu é caso meu! disse com voz firme. Venham, meninos!

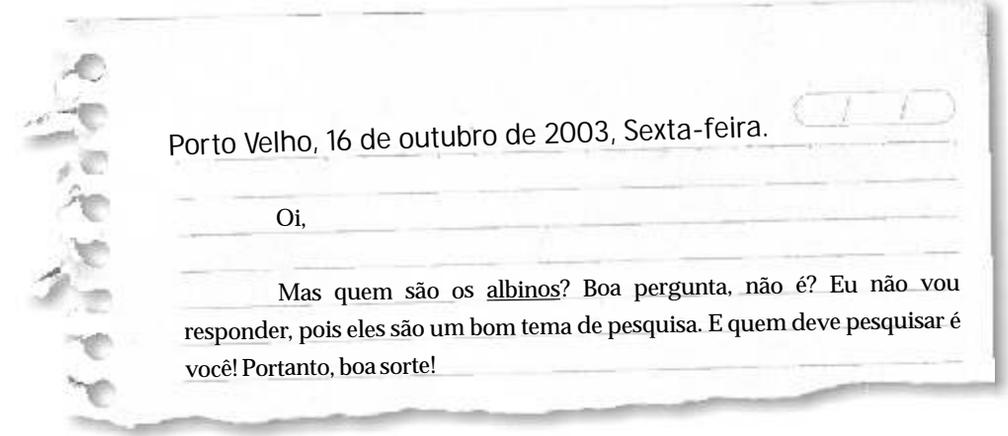
Foram encontrar o tio Salu perdido em meio às árvores do quintal, após as bananeiras. Ele podava os pés de cupuaçu que cresciam a um metro e meio do chão.

- Salu, meu caro, temos visita disse seu William, já chamado de "vô" pelas crianças, idéia do Felipe, adotada por todos.

Quando Salu se virou na direção deles, ouviu-se um murmúrio de espanto. Ele não era negro, mas albino. Os seus cabelos pareciam algodão e os olhos eram azuizinhos.

João, inquieto com o silêncio que se fazia, não se agüentou e estendeu o fio do seu pensamento boca afora:

- É engraçado, mas por essa eu não esperava... Ô, tio Salu, o senhor é branco pra caramba!!
Tchau!!



Porto Velho, 16 de outubro de 2003, Sexta-feira.

Oi,

Mas quem são os albinos? Boa pergunta, não é? Eu não vou responder, pois eles são um bom tema de pesquisa. E quem deve pesquisar é você! Portanto, boa sorte!

A Casa de Dona Dodó - XIX

Lembremos da impertinência de João ao tio Salu:

- É engraçado, mas por essa eu não esperava... Ô, tio Salu, o senhor é branco pra caramba!!

- Quase transparente!!, devolveu tio Salu com um sorriso. E continuou:

- Vamos sentar, meninos! Venham comigo! E levou a todos até uma árvore próxima, a quem apresentou como sendo o *seu* ipê amarelo. Os bancos rústicos debaixo do ipê, eram feitos de tora, “de uma velha castanheira que caiu no verão passado, no sítio de um amigo da família e que deu um trabalhão ir lá buscar, serrar e fincar aqui no chão...”, explicou-se.

Vô William tomou a palavra, por sua vez, e prometeu resumir a história do tio Salu, pois era uma *história curtinha*, dessas que bastam *uns dois dias* para contá-la sem muitos detalhes...

“Encontrei o senhor Salustiano Ferreira perdido em Manaus, nesta mesma viagem. Decidimos, eu e o Drummond, visitarmos alguns pontos turísticos da cidade com a família. E lá fomos nós pela tardezinha passear pelo centro da cidade.

Nós estávamos nas escadarias do Teatro Amazonas quando Dodó, ao invés de admirar a beleza daquela construção belíssima, teve a atenção despertada por um estranho homem, de cabelos brancos e olhos azuis, que se esforçava muito para ler o cartaz à porta do teatro. Sua pele, estranhamente branca, saltava aos olhos, mesmo de longe.

“Pois este era o tio Salu, que depois viria conosco para Porto Velho. E ele estava perdido, meio sem rumo, sem emprego, na capital amazonense.

Tudo isso Dodó descobriu em uma longa conversa com ele, aos pés da escada, depois de ler para ele a programação do teatro daquela noite.”

Tchau!!

Porto Velho, 17 de outubro de 2003, Sexta-feira.

Oi,

Você descobriu o que são os albinos? Você conheceu algum pessoalmente? Existem muitos no país, principalmente no Maranhão, na Ilha dos Lençóis, que abriga a maior colônia de albinos do mundo, os chamados “filhos da Lua”.

Dois albinos brasileiros são músicos famosos: o alagoano Hermeto Paschoal e o paraibano Sivuca.

A Casa de Dona Dodó - XX

“Como ela se agarrou em conversa com o albino, sua mãe e eu a chamamos para continuarmos o passeio. Que nada! Ela apenas acenava de longe, pedindo que esperássemos. Cansei-me, depois de uns longos minutos de espera. Ela, hipnotizada, apenas acenava, sem mesmo saber onde estávamos. Até que, perdendo a paciência, nos aproximamos, sentamos e procuramos saber sobre o que eles tanto conversavam. E ela, muito espontânea, pediu silêncio:

Fiquem todos quietos, por favor, pois tio Salu está na melhor parte da história...

“Tio Salu?”, pensei comigo. Pois então o albino já tinha até nome e ganhara um *tio* de acréscimo?! Era demais!! Dodó, como a me acalmar, envolveu uma das minhas mãos nas suas, piscou e sussurrou nos meus ouvidos:

- Pai, ele é um grande aventureiro. Ouve só...

E nos pusemos a ouvir... Afinal de contas, o que mais podíamos fazer?

Tio Salu, este engenhoso homem-faz-tudo, contou então como atravessou as dunas dos Lençóis Maranhenses, a pé, durante 15 noites (de dia dormia, por causa do forte sol que lhe afetava a pele). E depois, como conseguiu chegar até Belém, no Pará, para tomar um navio para Manaus, onde procuraria por um tio seu, que ele não via há muitos anos...

Resumo: nosso passeio acabou ali mesmo, nas escadarias do Teatro, ouvindo esse homem contar suas histórias. E como ele emendava uma história na outra, tivemos que arrastá-lo conosco, para não perdermos nossa filha, pois com certeza ela iria embora com ele...” Tchau!!

Porto Velho, 18 de outubro de 2003, Sábado.

Oi,

O meu sonho, desde menino, era ser um homem-faz-tudo, como tio Salu. Eu queria ser bom com todas as ferramentas na mão chave de fenda, alicate, serrote, lima e saber arrumar carro, consertar tudo em casa, enfim ter o que se chama de *habilidades manuais*. Porém, não nasci para *tudo isso*. E, para compensar, acabei aprendendo tocar violão e tornei-me um bom leitor, devorador de gibis, revistas e livros. Mas hoje eu sei hoje trocar lâmpada e o pneu do carro...

A Casa de Dona Dodó - XXI

Tio Salu, que ouvia tudo com prazer, decidiu continuar a história:

Pois bem, Dodó não me deixava parar de falar. Eu emendava uma história na outra, por conta dela, que me cutucava e dizia: 'Conta mais, conta mais!' Ela era uma menina inteligente e cheia de artimanhas. E foi ela que me *contratou*. Tudo ocorreu assim: naquela mesma noite finalmente pude descansar os ossos numa rede. O tal tio que eu procurava não morava mais em Manaus, sumira para as bandas da Venezuela. E eu fiquei a ver navios, literalmente. Passava o dia no porto, para ver se encontrava alguma alma boa chegando de viagem, de algum lugar do mundo; quem sabe um gringo, tão branco como eu, que se compadecesse de mim...

“No outro dia, depois de uma noite bem dormida (e alimentada, pois que comi como um condenado), logo no café da manhã Dodó surgiu com a proposta:

- Pai, o tio Salu quer morar em Porto Velho... Ele daria um ótimo ajudante para o senhor... E além disso, ele é jardineiro, carpinteiro, pedreiro e pintor, sem contar que sabe ler, escrever e fazer contas...

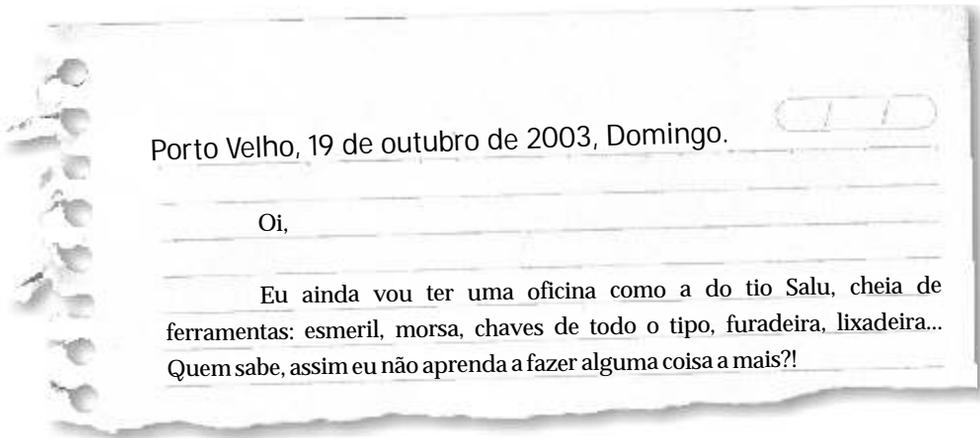
D. Elisabeth percebendo as manobras da filha, emendou:

- E também sabe contar histórias, inventa brincadeiras, cria brinquedos e será o teu babá!!

- Exatamente, mãe, a senhora agora acertou em cheio!!

Todos riram, e assim, tornei-me agregado da família. E aqui vivo entre minhas árvores, pássaros e a oficina.”

Tchau!!



Porto Velho, 19 de outubro de 2003, Domingo.

Oi,

Eu ainda vou ter uma oficina como a do tio Salu, cheia de ferramentas: esmeril, morsa, chaves de todo o tipo, furadeira, lixadeira... Quem sabe, assim eu não aprenda a fazer alguma coisa a mais?!

A Casa de Dona Dodó - XXII

D. Dodó, que chegara da cozinha, interrompeu a conversa e anunciou que o almoço já estava posto. E mais: mandara comunicar às famílias que almoçariam com eles.

O almoço surpresa tornou-se o assunto das semanas próximas que vieram, até que as férias de fim de ano chegassem.

Antes que as crianças viajassem com seus pais para Ariquemes e Vilhena, para visitarem os parentes do interior, as visitas se sucederam, dia após dia.

Aprenderam, neste meio tempo, artes culinárias com D. Dodó e D. Elisabeth e alguns ofícios com o tio Salu, sob a supervisão de seu William, que anotava tudo em sua caderneta, dando nota ao aprendizado de cada um.

Descobriram-se algumas vocações precoces:

Laura aprendeu a fazer bolo como poucas meninas de sua idade; sua memória se aguçou por decorar muitas e muitas receitas...

Roberta enxergou longe o grande negócio que era vender bolos e doces para os colegas e seus pais; parecia ter nascido talhada para “satisfazer os desejos dos seus clientes”, como aprendera com vô William.

João plantio, enxertia, poda, aprendera tudo sobre plantas com tio Salu. E mais ainda: que plantar e admirar as plantas (e as flores) era uma tarefa também masculina...

Felipe depois de ajudar tio Salu a reerguer um muro caído tomara gosto pela construção e já pensava em ser mestre de obras e até engenheiro...

D. Dodó, seus pais e tio Salu não tiveram outro assunto, naqueles dias, senão a saudade antecipada das crianças, que ficariam longe durante as férias...

FIM

Porto Velho, 20 de outubro de 2003, Segunda-Feira

Oi,

Voltei só para dizer que esqueci de terminar a história das louças, que vierem lá de Itacoaticara, lembram?

E agora? A história acabou e Laura ainda não sabe quase nada sobre as valiosas louças que descansam lá na cristaleira...

Seriam louças de porcelana? Fabricadas por quem? Quem as teria trazido para o Amazonas? Que histórias elas carregam consigo?

Pois é, isto tudo já são outras histórias, que contaremos num outro episódio que poderá chamar-se

Dodó e os piratas: uma aventura no túnel do tempo

Tchau!!